



SEÇÃO DO CANDIDATO

À

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 6-59

Coordenador: — Cel João Bina Machado

I — CAVALARIA NA DEFENSIVA

1 — GENERALIDADES

Dentro de suas possibilidades e limitações, a cavalaria age no combate defensivo da mesma maneira que a infantaria.

Devido à sua organização e características, as unidades de cavalaria geralmente ocupam frentes mais largas e menos profundas do que as unidades equivalentes de infantaria. Essa equivalência, no escalão que estudamos pode ser apreciada entre o BI e o RC.

As unidades de cavalaria podem ser conduzidas a combater defensivamente, seja em dispositivos estreitos e profundos, semelhantes aos da infantaria, seja em um dispositivo em larga frente e com pouca profundidade que é o dispositivo normal da cavalaria. Dêste modo, sendo obrigada a ocupar posições defensivas em larga frente e com pouca profundidade, não poderá defendê-las por muito tempo. Portanto, a cavalaria deve preferir retardar a progressão inimiga em posições sucessivas ao invés de manter uma única posição. A decisão de retardar o adversário em linhas sucessivas do terreno é do comandante da DC ou escalão superior, cabendo ao RC manter suas posições durante o tempo que lhe foi fixado.

2 — SEGURANÇA

a) Na defesa, as forças de segurança são encarregadas de fornecer, com oportunidade, alerta e informações sobre o inimigo; retardá-lo, ganhando tempo para o grosso e forçando-o a desenvolver-se prematuramente; desarticular e canalizar seu avanço; iludi-lo quanto à localização da posição de resistência. A menos que sua missão exija, as forças de segurança evitam um engajamento decisivo. Devem ter uma mobilidade igual, ou maior, do que a do inimigo. As forças de segurança reconhecem agressivamente e se valem de cada oportunidade para limitar a ação ofensiva, a fim de retardar o inimigo, inquietá-lo e buscar informações.

As forças de segurança consistem em aviação, forças de cobertura, postos avançados gerais, postos avançados de combate e elementos de segurança local de cada unidade.

b) *Fôrças de cobertura :*

Sempre que praticável, uma fôrça de cobertura móvel, normalmente fornecida pela Divisão de Cavalaria ou escalão superior, estabelece o contato com o inimigo o mais cedo possível. Sua missão visa, fundamentalmente, retardar e desorganizar, ao máximo, o avanço inimigo. As Divisões de Cavalaria são unidades especialmente aptas para o cumprimento destas missões.

c) *Postos avançados gerais (PAG) :*

São fornecidos e estabelecidos pela Divisão. Devem fornecer oportuno aviso da aproximação do inimigo e asseguram às unidades da posição de resistência o tempo suficiente para se prepararem para o combate; devem, também, obrigar o inimigo a se desenvolver prematuramente e iludí-lo sôbre a localização da verdadeira posição.

Os PAG são, normalmente, organizados pelo RC reserva da DC, e devem ser localizados em pontos destacados do terreno e a uma distância tal que deixem a posição de resistência fora do alcance dos tiros de artilharia com observação terrestre.

Um RC em PAG articula-se em escalão de vigilância, escalão de resistência e reserva.

A região a ocupar é dividida em subquarteirões que englobam os elementos destacados no escalão de vigilância e resistência.

O escalão de resistência é composto de núcleos, de efetivo variável, geralmente do valor de um pelotão. São localizados em pontos importantes do terreno que permitam explorar ao máximo os fogos das armas automáticas.

O escalão de vigilância é composto de certo número de postos destacados pelos núcleos, de acôrdo com o terreno.

A reserva poderá reforçar os fogos do escalão de resistência, contra-atacar, ou ocupar uma posição de onde possa proteger o retraimento dos núcleos mais avançados.

d) *Postos avançados de combate (PAC) :*

É o comandante do RC que determina a sua instalação, conduta e condições do seu retraimento; geralmente, os PAC são organizados em postos de vigilância destacados pelos próprios subquarteirões.

Quando tenham sido estabelecidos PAG, a missão dos postos avançados de combate, normalmente, reduzir-se-á em alertar, da aproximação do inimigo, o seu quarteirão.

Quando a situação impedir o estabelecimento de PAG, ou êstes estiverem a uma distância considerável da posição de resistência, medidas de segurança deverão ser tomadas, seja por determinação do escalão superior, seja por iniciativa do próprio comandante do regimento.

Essa segurança será efetuada pelos postos avançados de combate que cobrem a frente da posição de resistência com a missão retardar e desorganizar o avanço inimigo.

A sua ação deverá fazer-se sentir o mais longe possível, dentro do alcance das armas procurando causar ao inimigo o máximo de baixas e retardar a sua progressão, sem contudo empenhar-se em combates aproximados ou deixar-se aferrar.

O seu retraimento é feito por itinerários previamente escolhidos, de maneira que os fogos desencadeados da posição de resistência possam ser coordenados com êsse retraimento.

e) *Segurança local :*

É estabelecida pelos esquadrões ou pelotões de primeiro escalão da posição de resistência. A segurança local é estabelecida por meio de

patrulhas que atuam à retaguarda dos PAC procurando manter contato com estes postos e aumentar a segurança da posição.

Após o retraimento dos PAC, postos de escuta, postos de observação e patrulhas fornecem a segurança local.

3 — ORGANIZAÇÃO DA POSIÇÃO

a) *Nucleamento da posição:*

A pobreza de efetivos que um chefe de cavalaria contará para mobilizar frentes por vezes bastante extensas, obrigam-no a determinar a ocupação de pontos cuja posse permitirá manter com economia, toda a frente a defender. É o nucleamento da posição. Estes núcleos devem ser dotados de meios tais que constituam um organismo completo, defendido por uma guarnição que, mesmo reduzida a seus próprios recursos, deve poder manter-se durante determinado tempo.

Os núcleos da defesa devem ser dispostos de modo que seja mantida a continuidade do fogo em toda a frente e detida a progressão de um assaltante que tenha conseguido penetrar na posição. A distância entre os núcleos não deve ultrapassar o alcance eficaz das armas automáticas, devendo, entretanto, ser suficientemente grande para evitar que dois núcleos vizinhos sejam atingidos pela dispersão do mesmo tiro de artilharia.

b) *Linha principal de resistência (LPR):*

É a linha que une a orla exterior dos núcleos de defesa mais avançados.

Deve ser coberta por obstáculos, tanto quanto possível contínuos, na frente dos quais são colocados os fogos que devem quebrar o ímpeto do ataque inimigo.

O traçado da LPR deve prestar-se à defesa pelo fogo nas melhores condições; assim é que, em certos casos, poder-se-á utilizar a contracosta, a fim de subtrair os órgãos de fogo às vistas diretas do inimigo.

Geralmente, adotar-se-á um traçado quebrado, de maneira a permitir flanqueamentos eficazes. Há conveniência em localizá-la longe de cobertas que permitam ao inimigo desembocar de curta distância.

c) *Posição de resistência (PR):*

É escolhida tendo em vista tirar o máximo proveito do terreno.

Deve assegurar a posse de observatórios com vistas longínquas, possuir bons campos de tiro e proteção contra a observação do inimigo. A existência de obstáculos à frente da posição é fator de grande importância, sobretudo quando o inimigo dispõe de forças mecanizadas ou blindadas.

A posição de resistência comporta organizações mais ou menos desenvolvidas, mantidas por núcleos de defesa que se apoiam mutuamente e dispostos irregularmente em largura e profundidade.

d) *Frentes e profundidades (Base para raciocínio):*

A zona de ação de um RC na defensiva denomina-se um quarteirão. Nesta zona o coronel distribui seus esquadrões, atribuindo a cada um deles um subquarteirão.

A frente destinada a uma unidade é função do número de pelotões colocados na linha principal de resistência.

Nas unidades hipomóveis são considerados os seguintes dados para planejamento:

Um pelotão na defensiva, em terreno normal, pode bater com seus fogos uma frente de 300 metros. Um esquadrão com dois pelotões desenvolvidos em primeiro escalão pode bater uma frente de 600 metros.

Um RC com dois esquadrões em primeiro escalão pode bater com seus fogos uma frente de 1.200 metros, e, se o terreno permitir, sua zona de ação pode ser dilatada, caso existam zonas passivas que possam ser apenas vigiadas.

Frentes estreitas devem ser designadas às partes da posição de mais difícil defesa e frentes mais largas às partes de mais fácil defesa.

A distância entre os núcleos sucessivos varia de 150 a 500 metros. Cada elemento à retaguarda da linha de frente apóia os elementos de primeiro escalão batendo pelo fogo os intervalos e os flancos.

A profundidade do RC varia de 800 a 1.600 metros e a do esquadrão de 500 a 700 metros e é conseguida pela colocação dos elementos em apoio ou das reservas a distâncias variáveis à retaguarda da linha de frente.

Cada unidade a partir de esquadrão deve manter um apoio ou uma reserva.

Atrás de um obstáculo, as frentes aumentam pois a zona que se admite ser batida por um pelotão atinge a 450 metros.

O RCM, podendo dispor na defensiva de dois FM por grupo de combate, tem suas frentes consideravelmente aumentadas pois um pelotão pode bater uma frente de 600 até 900 metros, esta última quando atrás de um obstáculo.

e) *Reserva:*

O comandante do regimento tem todo interesse em manter uma reserva pronta para atuar e suas missões podem ser:

- dar profundidade à posição, ocupando uma região;
- contra atacar a fim de manter a integridade da PR ou para permitir o retraimento em caso de insucesso;
- substituir elementos dos subquarteirões que se apresentem fatigados;
- reforçar partes da frente, onde ocorra destruição de pessoal ou material que possa vir a comprometer a segurança da posição;
- cobrir um dos flancos ameaçados.

A localização da reserva será função do terreno e da largura da frente a defender. Deve situar-se em região que facilite o seu rápido deslocamento para qualquer das direções de emprêgo previsto. Não deve ficar muito avançada por necessidades de sua própria segurança e facilidade para intervenção.

Ela será colocada normalmente, segundo a direção do esforço.

Sua localização proporcionará profundidade ao dispositivo defensivo.

f) *Cavalos de mão:*

Os cavalos de mão permanecem à retaguarda da posição, em locais desenfiaados que lhes forneçam a necessária proteção.

Os cavalos de mão podem ficar centralizados pelo RC, o que acontece normalmente quando o regimento atua num dispositivo estreito e profundo; neste caso o Cmt do RC determina a região em que eles devem ser mantidos.

Quando o dispositivo é muito largo, os cavalos de mão podem ficar descentralizados pelos esquadrões, cabendo ao comandante do RC determinar a linha avançada dos cavalos de mão ou regiões em que devem ser mantidos. As características de um bom local de cavalos de mão são as seguintes:

- abrigado dos tiros;
- coberto das vistas aéreas;
- com água e pasto.

As distâncias da LPR em que devem ficar os cavalos de mão, como ordem de grandeza, são as seguintes:

- centralizados: de 5 a 6 km;
- descentralizados: de 2 a 4 km.

À medida que a massa dos cavalos diminui, é menos vulnerável e mais manéavel pois pode mudar de local facilmente, uma vez que esteja sob os fogos do inimigo.

g) *Limites* :

Limites e pontos limites fornecem ao comandante do regimento um meio adicional para coordenar a ação dos elementos subordinados.

Precisam ser facilmente identificáveis e devem fixar a responsabilidade de cada elemento nas regiões capitais e assegurar unidade de comando não só sobre os pontos chaves mas também sobre as vias de acesso mais perigosas que conduzem a eles.

Os limites entre regimentos de primeiro escalão são estendidos à frente da LPR até o limite da observação terrestre, incluindo os PAC e devem ser prolongados para a retaguarda a fim de possibilitar a escolha de posições para a reserva e unidades de apoio.

Os limites entre os subquarteirões devem englobar toda a profundidade da posição sob a responsabilidade do escalão considerado e prolongados à frente da LPR até o alcance da observação dos PAC, quando estes estiverem a cargo dos esquadrões de primeiro escalão.

Quando os PAC não estiverem a cargo dos subquarteirões os limites são prolongados à frente até o limite da observação da PR.

Os pontos limites são localizados sobre as linhas limites nos locais por onde passam a linha principal de resistência e a linha que baliza os postos avançados de combate.

Os pontos limites fixam, ainda, locais onde os comandantes de esquadrões de primeiro escalão e das unidades vizinhas coordenam seus dispositivos e planos de fogos, tendo em vista a continuidade de apoio mútuo.

4 — PLANO DE FOGOS

Os fogos constituem o elemento essencial da defesa, e o seu planejamento, merece do comandante do regimento cuidados especiais, tanto para seu estabelecimento como coordenação.

A colocação dos órgãos de fogo resulta da determinação das partes do terreno que se quer bater e da densidade que se deseja obter.

Os fogos das armas automáticas devem ser intimamente ligados com os dos morteiros e os da artilharia que os reforçam ou, então, suprem a sua falta em regiões desenfiaadas.

As metralhadoras constituem a ossatura do sistema de fogos. Seu alcance as torna particularmente aptas à execução de tiros de flanqueamento, não somente na frente de sua unidade, mas também em proveito das unidades vizinhas.

Os morteiros devem tomar sob seus fogos, o mais longe possível, as zonas de reunião e as vias de acesso desenfiaadas.

O Cmt do esquadrão de petrecho auxilia o do regimento no desenvolvimento e coordenação do plano de fogos da unidade.

É muito difícil para a cavalaria estabelecer um plano de fogos em que figure uma barragem densa, contínua e profunda, porque a cavalaria age em frentes muito extensas.

Dai freqüentemente, para o Cmt do RC, surge a necessidade de decidir em que parte da frente empregará ou prescindirá do apoio de determinado órgão de fogo.

O plano geral de fogos da unidade é resultante da coordenação entre os planos de fogos dos esquadrões e o plano de fogos do regimento. Estes planos são elaborados concomitantemente pelos comandantes de subquarteirões e quartelão, em estreita ligação com os oficiais da artilharia que apoia ou reforça a unidade considerada. A ligação cavalaria-artilharia para o planejamento dos fogos, é feita no nível:

— comandante de esquadrão — oficial de ligação

e

— comandante do regimento — comandante do grupo.

5 — DEFESA ANTICARRO

A melhor defesa anticarro é constituída pelo aproveitamento inteligente e eficiente dos obstáculos naturais, convenientemente reforçados e protegidos.

Os meios de proteção contra os ataques de forças blindadas compreendem meios passivos e ativos.

Os passivos compreendem o reconhecimento, camuflagem, obstáculos naturais e artificiais, etc.

Os ativos incluem os canhões anticarro, artilharia, lança-rojões, granadas, etc.

A defesa anticarro deve ser organizada em profundidade e o canhão anticarro é o meio mais eficiente com que conta a cavalaria.

O princípio de emprego dos canhões consiste em instalar parte deles de modo a bater os obstáculos colocados nas vias de acesso dos blindados ou apenas estas, constituindo assim um primeiro escalão da defesa. O aprofundamento da defesa é feito com as armas restantes.

6 — CONDUTA DA DEFESA

Quando o ataque inimigo irrompe, a artilharia e os elementos da defesa esforçam-se por dissocia-lo por meio de uma ação comum; seus sistemas de fogos estreitamente coordenados se completam.

Durante o ataque inimigo o comandante do regimento conduz a defesa de forma a manter a integridade da posição. Sua ação se fará sentir, seja intensificando os fogos de apoio em determinada área, seja coordenando a ação dos elementos que guarnecem os subquarteirões, seja, ainda, empregando sua reserva.

Caso o inimigo tome pé na posição, os elementos dos subquarteirões e a artilharia empenham-se em limitar a sua progressão realizando em torno da brecha uma barragem continua de fogos. Utilizam, igualmente, seus fogos para separar de suas reservas os elementos que fizeram a penetração na posição.

Contida a penetração, um contra-ataque deve ser desencadeado, tanto quanto possível de surpresa e sem precipitação, visando expulsar o inimigo da posição.

Os contra-ataques da reserva regimental são normalmente preparados, tendo em vista as partes do terreno que apresentam condições favoráveis à penetração do inimigo e constam de um ou mais Planos de Operações.

Estes planos devem incluir:

- dispositivo;
- direção de contra-ataque;
- objetivo;
- fogos de apoio;
- conduta após atingir o objetivo;
- coordenação com os comandantes de subquarteirões.

Haverá sempre interesse em que os contra-ataques sejam dirigidos contra um dos flancos do inimigo.

Quando a situação não fôr favorável para um contra-ataque, melhor será empregar a reserva para bloquear a penetração inimiga, cabendo a expulsão do inimigo da PR ao escalão superior.

7 — O REGIMENTO PARTICIPANDO DA DEFESA DE UM CURSO D'ÁGUA

Os cursos d'água, mesmo não constituindo obstáculos à tropa inimiga que vai tentar a sua transposição, prestam-se favoravelmente ao estabelecimento de posições defensivas.

O regimento de cavalaria, atuando no âmbito da divisão, poderá ser empregado de três formas diversas, em uma operação defensiva que se beneficie de um curso d'água. Assim é, que o regimento poderá ser designado, seja:

- para constituir a segurança da posição, estabelecendo-se a frente da mesma, e portanto na margem inimiga do rio;
- para constituir um dos quartelões, quando a defesa se processar na margem amiga do rio, utilizando-o como um obstáculo;
- ou finalmente mantido em condições de impedir ao inimigo o desembocar da margem amiga.

No primeiro caso a sua atuação será idêntica à do seu emprêgo em PAG.

No segundo caso, isto é, quando o regimento tiver por missão defender um quartelão na própria margem amiga do rio, o comandante do regimento, após os necessários reconhecimentos, repartirá a zona de ação pelos subquartelões, fixando as condições em que será feita a defesa e dará as indicações que julgar úteis.

No último caso, quando a defesa fôr organizada afastada do curso d'água, isto é, quando se procurar impedir que o ataque inimigo desemboque da margem amiga, o regimento, normalmente, receberá da divisão uma zona de ação.

Organiza, então, seus PAC junto à margem do rio com a missão de assinalar a travessia pelo inimigo e bater com seus fogos os seus elementos avançados, impedindo que os mesmos se estabeleçam na margem amiga antes da intervenção do regimento.

Dispõe de seus elementos em núcleos capazes de impedir o aprofundamento do ataque inimigo e adota um dispositivo articulado para poder desencadear os contra-ataques que planejou na zona de ação que lhe foi atribuída e que visam eliminar os elementos que tentarem estabelecer-se na margem amiga.

Os contra-ataques são, normalmente, executados com elementos do valor de um esquadrão de fuzileiros, dispondo de forte apoio de fogos de artilharia e petrechos.

A localização desses elementos deve atender às necessidades dos contra-ataques.

8 — DECISÃO

Após recebida a missão o comandante faz o estudo da situação que culmina com a decisão. Nesta, o comando do regimento indica aos comandantes subordinados como deseja defender seu quartelão definindo:

- o traçado da LPR, balizando o limite anterior da região a defender;
- regiões a manter particularmente, de cuja posse depende a integridade do quartelão;
- regiões a vigiar, geralmente zonas passivas da frente;
- principais direções de contra-ataque, tendo em vista o restabelecimento da posição por ações agressivas;
- onde aprofundar a defesa, barrando com elementos reservados, uma penetração inimiga;
- como estabelecer a segurança da posição.

II — A ARTILHARIA NA DEFENSIVA

1 — GENERALIDADES

A doutrina defensiva encara a organização de uma posição de resistência a ser defendida a todo o custo e o emprêgo de elementos de cobertura para retardar e desorganizar o avanço do inimigo e de iludi-lo sobre a verdadeira localização da PR.

São três os elementos de uma posição defensiva:

a. Escalão de Segurança (Fôrça de Cobertura, PAG, PAC), cuja missão é obter, o mais possível, informações sobre o valor, localização e possibilidades do inimigo, retardar e desorganizar o avanço do inimigo e iludi-lo sobre a verdadeira localização da PR.

b. Posição de Resistência (PR), cuja tropa tem por missão, barrar o inimigo ante a linha principal de resistência (LPR), repeli-lo se a atingir, e expulsá-lo mediante ações ofensivas (contra-ataques), se êle a penetrar.

c. Reserva, que tem por missão conter a penetração do inimigo na PR e executar os contra-ataques ou outras ações necessárias.

A fim de integrar-se na doutrina defensiva, a Artilharia deve estar em condições de apoiar todos os elementos da Posição Defensiva. Empregada convenientemente, pode ser fator decisivo para a defesa de uma posição e pode, ainda, pelo emprêgo de uma contrapreparação, desorganizar um ataque antes que êle tenha sido lançado.

A Artilharia de uma Posição Defensiva deve, pois, estar apta a tomar o inimigo sob o seu fogo desde o mais longe possível, mantê-lo sob êsse fogo constantemente, até os atos finais do combate defensivo. Como consequência, no desdobramento da Artilharia na defensiva predomina, em regra, a idéia de profundidade.

2 — MISSÃO

Tendo em vista as ações inimigas sobre uma Posição Defensiva, pode-se esquematizar, na seguinte sucessão, as fases do combate defensivo, e a atuação da Artilharia em cada uma delas:

<i>Fases</i>	<i>Atuação da Art</i>
1 — Até que o inimigo tenha montado o seu dispositivo de Ataque — PR.	1 — Retardar a progressão inimiga e dificultar a montagem de seu dispositivo de ataque
2 — Iminência do ataque inimigo	2 — Desarticular o ataque inimigo antes de sua partida (contrapreparação).
3 — Desencadeamento do ataque inimigo	3 — Dissociar o ataque inimigo após desencadeado e detê-lo face a LPR e, se êle romper, limitar a sua penetração na PR.
4 — Expulsão do inimigo que conseguir penetrar na PR e restabelecimento da PR.	4 — Após os contra-ataques.

A Artilharia de Apoio Direto poderá vir a tomar parte em tôdas essas fases do combate decisivo.

É, porém, na iminência do ataque inimigo e após o seu desencadeamento, que sua atuação cresce de importância, exigindo o emprêgo da totalidade de seus meios.

Um Gp de Artilharia na defensiva pode, como na ofensiva, receber uma das seguintes missões táticas:

- Apoio Direto;
- Ação de Conjunto;
- Refôrço de Fogos;
- Ação de Conjunto e Refôrço de Fogos.

A situação de refôrço a outro Gp, constituindo com êle um Agrupamento-Grupo, é pouco usual ou mesmo excepcional, a não ser em defensiva em larga frente, em que a situação não permita o comando centralizado da AD.

Uma unidade de Infantaria (ou de outra Arma) com a missão de guarnecer os PAG deve receber um apoio adequado de Artilharia.

Se a distância dos PAG à PR o permite, os PAG receberão uma Artilharia de Ap Dto que poderá, ainda, contar com o refôrço de fogos de unidades de Artilharia da PR. Entretanto, se a distância ou outras circunstâncias não o permitirem, os PAG receberão uma Artilharia em refôrço, e esta atuará de maneira análoga a de uma Artilharia do GT. Quando essa Artilharia de refôrço fôr mais de um Grupo acarretará a constituição de um Agpt-GP.

Em qualquer caso, dado que os PAG devem simular a PR, todos os calibres da Artilharia da defesa devem estar representados no apoio (ou refôrço) de Artilharia aos PAG.

Similarmente como no ataque, põe-se a AD, depois de dozadas as necessidades do Ap Dto, com a sua Artilharia da Ação de Conjunto em condições de atender à manobra da GU, procurando, cuidadosamente, cobrir o máximo da frente do setor, mediante o aproveitamento total das possibilidades do material.

Os Gp da Aç Cj podem receber missões de Refôrço de Fogos a Gp de Ap Dto, durante todo o combate ou em determinadas fases do mesmo, como por exemplo, no apoio aos contra-ataques previstos.

Considerando que, normalmente, uma unidade em PAG atua em larga frente, a Artilharia que a apóia ou reforça não terá possibilidades de bater tôda a Zona de Ação dessa unidade. Cabe, então, ao Cmt dos PAG selecionar as partes da frente que são as mais importantes para a sua manobra e indicá-las à Artilharia para bate-las, pelo menos, com a maioria dos meios.

A Artilharia dada em Ap Dto ou em Refôrço aos PAG, terminada a missão destes, retornará à PR para participar de sua defesa ficando, normalmente, na Aç Cj; poderá, também, reforçar os fogos de um Gp do Ap Dto em missão secundária.

3 — DESDOBRAMENTO

Muitas vêzes, a AD impõe aos Grupos de Ap Dto as regiões onde desbordar o material, especialmente na defensiva em frente normal. Entretanto, normalmente a AD prescreve que os Cmt de Gp de Ap Dto escolham posições para as suas unidades, o que farão em entendimento com o Cmt da unidade apoiada.

Para os Grupos em Refôrço de Fogos, a AD pode ter o mesmo procedimento e, neste caso, o Cmt do Gp escolhe as suas posições na região que lhe indicar o Cmt do Gp reforçado.

Para os Gp da Aç Cj a AD, sistematicamente, designa as regiões onde desdobrar os seus materiais.

A área de desdobramento do material de Artilharia de Ap Dto está subordinada às condições de prestar um apoio eficiente.

Um Gp de Ap Dto deve, sempre que possível de uma única posição, bater à frente da PR — inclusive o apoio aos PAC — e em toda a profundidade da PR, dentro do subsector que apoia.

Assim, a necessidade de atuar em proveito dos núcleos mais recuados da defesa, leva o desdobramento inicial da Artilharia de Ap Dto acêrca de 1.500 m à retaguarda dêsses núcleos. Isto não deve, contudo, prejudicar a necessidade de ter alcance à frente da LPR, englobando os PAC.

Quando não fôr possível conciliar as suas necessidades, o Gp de Ap Dto terá uma posição *inicial* e uma *de manobra*.

O desdobramento de todos os elementos de um Gp de Ap Dto no terreno, a fim de apoiar a defesa de um subsector, constitui o Dispositivo de Defesa.

Para manter a possibilidade de permanência na missão, face a possíveis atuações de contrabateria inimigas, as Bia organizam *Posições de troca*, que serão ocupadas quando referenciadas pelo inimigo, suas primitivas posições de combate. As posições de troca se situam acêrca de 200 a 300 metros das primitivas e constituem NCA para os Cmt de Bia.

O Dispositivo de Defesa comporta, ainda, o preparo de *Falsas posições*, com a finalidade de iludir o inimigo.

A Artilharia em apoio aos PAG cumpre essa missão de um Dispositivo Provisório. Uma unidade de Artilharia da PR que esteja reforçando os fogos da Artilharia de apoio aos PAG, cumpre essa missão também de *Posições provisórias*, o mesmo se verificando com as unidades de Aç Cj encarregadas do retardamento do inimigo a partir de uma determinada linha.

As posições de apoio aos PAG devem estar fora da LPR para não atrair a atenção — e, provavelmente, fogos — sobre a tropa amiga da PR, bem como contribuir para dar ao inimigo uma falsa impressão sobre a verdadeira localização da PR.

O material entra em posição, normalmente, à noite, tendo em vista manter o sigilo.

Compete à AD regular, em um Plano de Entrada em Posição, as condições em que deve se realizar a ocupação, prescrevendo a oportunidade e os itinerários a serem utilizados. A AD fixa, também, a hora em que o dispositivo deve estar realizado, função da decisão do Cmt da GU e das necessidades de tempo para os trabalhos de reconhecimento, ocupação das posições, trabalhos topográficos, instalação das comunicações, da observação, etc.

4 — FOGOS

À frente dos PAG atuará, inicialmente, a Artilharia encarregada de realizar os fogos de retardamento.

Logo que as colunas inimigas chegam ao alcance da Artilharia de apoio aos PAG, esta começa a hostilizá-lo, visando, inicialmente, retardá-lo e, posteriormente, para apoiar a defesa das posições dos PAG.

Tão logo os PAG se retraíam, e desde que o inimigo entre no alcance da Artilharia de Ap Dto da PR, esta abrirá fogo sobre êle. Contudo, normalmente, a GU impõe, para manter o sigilo, isto é, para não revelar os meios da defesa muito cedo, que apenas parte da Artilharia de Ap Dto atue nesta fase de aproximação do inimigo.

Durante a fase em que o inimigo toma contato com a PR, persiste a necessidade de só revelar parte dos meios. Entretanto se o inimigo se apresentar em ações locais como alvo compensador, um Gp Ap Dto poderá abrir fogo com todos os seus meios, com autorização da AD, ou por iniciativa própria, em situação de crise.

Na iminência do ataque inimigo, toda a Artilharia da defesa desencadeia a Contrapreparação, por ordem do escalão superior.

Para um Gp de Ap Dto, a Contrapreparação consiste em uma série de tiros previamente programados a horário que serão desencadeados a partir de uma hora H, determinada pelo escalão superior. As regiões de aplicação são previamente estudadas e planejadas, tendo em vista bater Zonas de Reunião, Posições de Ataque, Bases de Fogos e Postos de Observação, numa determinada frente.

As posições de ataque, pelas áreas que abrangem, requerem concentrações de Gp ou de mais de um Gp. Normalmente, a AD vem em auxílio do Ap Dto, reforçando, com os fogos da Aç, os fogos da Artilharia de Ap Dto, ou tomando a si algumas dessas missões.

A previsão de tiros sobre as possíveis localizações das armas da Base de Fogos do inimigo, Posições de Ataque, PO, etc., é fruto de um metucioso estudo do terreno, o que é de certo modo facilitado pelo fato de, na maioria das vezes, ter sido percorrido o terreno onde o inimigo se instalará.

Após o desencadeamento do ataque, a Artilharia procura bater as colunas inimigas que se dirigem sobre a LPR, buscando quebrar-lhes o ímpeto do ataque; para isso, desencadeia concentrações.

Desde que o inimigo se aproxima da região de aplicação das barragens, os Gp de Ap Dto preparam-se para desencadear as barragens previstas. A localização das barragens é fruto de um metucioso estudo do terreno e das possibilidades do inimigo, por ocasião do estabelecimento do Plano de Fogos, tendo em vista as necessidades da manobra da Arma apoiada.

O Cmt da unidade apoiada, levando em conta as necessidades da sua manobra defensiva, distribui pelos batalhões (ou unidades equivalentes) as disponibilidades em barragens. Aos Cmt de Btl, com os Oficiais de Ligação da Artilharia, cumpre localizar as barragens no terreno, com precisão.

As barragens devem ser localizadas o mais próximo possível da LPR. A exigência de obedecer à margem de segurança do material não é levada em conta, diante da necessidade de tirar ao inimigo que atinge a região das barragens, toda a possibilidade de poder evitá-la, ou seja, não lhe deixar outra alternativa senão a de avançar à custa de pesadas perdas ou recuar, se lhe fôr possível.

Por essa razão, as barragens podem ser localizadas da ordem de 200 metros da LPR, convindo assinalar que, na defensiva, normalmente, as tropas amigas se encontram bem abrigadas em organizações adrede preparadas.

Cada Bia de Artilharia de um Grupo de Ap Dto recebe uma barragem Normal para a qual fica apontada quando não estiver atirando; pode receber a incumbência de uma ou mais barragens Eventuais.

Se o inimigo consegue vencer as primeiras resistências da PR e nela penetrar, a sua progressão deverá ser prejudicada no interior da PR por concentrações aplicadas nas regiões por ele atingidas. Quando a unidade apoiada estabelece uma linha à retaguarda onde pretende, com a sua reserva, limitar a penetração do inimigo, a Artilharia de Ap Dto deve prever barragens face a essa linha.

Para apoiar os contra-ataques previstos, é organizado um Plano de Fogos nos mínimos pormenores.

Três gêneros de necessidades se apresentam, nessa ocasião, para a aplicação dos tiros de Artilharia:

a. Neutralizar o inimigo que possa prejudicar o deslocamento da tropa de contra-ataque para a linha de partida e tomada do dispositivo. PO, posições de morteiros, PR, etc., deverão constituir os alvos para a Artilharia.

b. Bater o interior da bolsa formada pelo inimigo, a fim de dificultar, ou mesmo impedir, que ele consolide a posse do terreno conquistado.

c. Bater os possíveis caminhamentos por onde o inimigo possa canalizar novos meios para alimentar o prosseguimento do ataque, fechando, em suma, a entrada da bolsa formada.

Normalmente, a Artilharia de Ap Dto é insuficiente para atender a tôdas essas necessidades; a AD, em regra, virá em auxílio do Ap Dto, reforçando-a com os fogos da Artilharia em Aq Cj.

Uma vez reconstituída a posição, ou alcançando o objetivo do contra-ataque, a Artilharia de Ap Dto alongará seus tiros, atuando sobre os elementos inimigos que se retraem, e restabelecendo seu sistema de fogos defensivos.

5 — PLANEJAMENTO DOS FOGOS

O planejamento dos fogos de Artilharia para a defesa de uma posição obedece às mesmas regras estabelecidas para o ataque.

O sistema de ligação Art-Arma Apoiada permitirá a organização de Planos Provisórios dos Btl e do RI que, depois de coordenados, darão nascimento ao Plano de Fogos de Apoio do RI, tal como no ataque.

O *Plano de Fogos* consistirá numa relação de possíveis regiões de aplicação de fogos, para as quais são determinados os elementos de tiro necessários à sua execução oportunamente.

Caso o inimigo não se apresente exatamente nessas regiões, aquelas previsões servirão de referência para o desencadeamento no local e na oportunidade desejados.

Quando os Btl de 1º escalão têm a seu cargo os PAC, compete aos seus comandantes, junto com os O Lig de Artilharia, selecionar as possíveis regiões de aplicação de fogos à frente dessa linha, além das previsões de fogos entre os PAC e a LPR (inclusive as barragens), e no interior da Posição, dentro dos respectivos quarteirões.

Quando o encargo dos PAC é do Btl Reserva, compete ao seu comandante, junto com o O Lig de Artilharia, o planejamento dos fogos em proveito daquela linha. A ele competirá, também, o planejamento do apoio às demais missões que forem atribuídas à Reserva (defesa em profundidade do subsetor e contra-ataques).

O Plano para a Contrapreparação obedece a diretrizes baixadas pela AD a seus Grupos. É que, como a Preparação, a Contrapreparação é organizada pelo mais alto escalão de Artilharia da Força empenhada; entretanto, os Gp de Ap Dto podem apresentar propostas que, depois de coordenadas pelo escalão superior, voltam a eles como ordem de execução.